

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JONES EDUARDO OLIVEIRA BENITEZ

**RORSCHACH: INVESTIGAÇÃO SOBRE OS DIFERENTES SIGNIFICADOS
ATRIBUÍDOS ÀS RESPOSTAS DE SOMBREADO**

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

JONES EDUARDO OLIVEIRA BENITEZ

**RORSCHACH: INVESTIGAÇÃO SOBRE OS DIFERENTES SIGNIFICADOS
ATRIBUÍDOS ÀS RESPOSTAS DE SOMBREADO**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial
para a graduação no curso de Psicologia da Faculdade de
Ciências Humanas e da Saúde, sob orientação da Prof^a
Célia Maria de Souza Terra

SÃO PAULO

2011

AGRADECIMENTOS

A Prof^a Maria Cecília Vilhena Moraes Silva que foi minha professora durante a graduação, me ajudou muito nesse trabalho e é uma das melhores professoras que a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo já teve.

A Prof^a Célia Maria de Souza Terra que foi a orientadora desse trabalho, meu obrigado pela compreensão e pela orientação.

A Prof^a Maria Cecília Correa de Faria que foi minha professora e supervisora clínica durante minha graduação, devo-lhe meus agradecimentos por ser a grande responsável pela formação do meu pensamento clínico.

Por fim agradeço à minha família, que me apoiou durante todos esses anos de faculdade.

Muito obrigado.

“Rorschach produziu mais do que um experimento ou um teste. Ele criou uma ciência nova, sistemática, independente e abrangente, capaz de grandes desenvolvimentos e de crescimento duradouro e constante, além do tempo de vida de seu criador.”

Piotrowski, 1965

Título: Rorschach: Investigação sobre os diferentes significados atribuídos às respostas de sombreado.

Autor: Jones Eduardo Oliveira Benitez

Orientador: Prof^a Célia Maria de Souza terra.

RESUMO

O presente trabalho teve por meta agrupar diferentes estudos realizados no campo do Psicodiagnóstico de Rorschach, particularmente quanto ao determinante de sombreado presente na prova. Esse determinante foi e ainda é um dos menos estudados pelos diferentes teóricos do método de Rorschach, sendo que a maioria das contribuições não existe escrita na língua portuguesa. O trabalho reuniu os embasamentos teóricos quanto ao determinante de sombreado estudado por Hermann Rorschach antes de sua prematura morte, quando a idéia de haver um determinante de sombreado não passava de um esboço do que é hoje considerado, Rorschach chamou-o de claro-escuro. Já Hans Binder foi o primeiro teórico a estudá-lo e nomeá-lo. Bruno Klopfer determinou fatores de profundidade e textura na classificação do determinante. Zygmunt Pitrowski estudou-o baseado em sua teoria, a Perceptanálise. Já John Exner, com o advento de seu Sistema Compreensivo, busca uma padronização dos determinantes do teste, mas não contribui com nenhuma nova teoria. Sua discussão final leva em consideração congruências e divergências de pensamento dos autores citados, quanto ao determinante de sombreado do Psicodiagnóstico de Rorschach.

Palavras chave: Psicodiagnóstico de Rorschach, determinante de sombreado, Hans Binder, Bruno Klopfer, Zygmunt Piotrowski, John Exner.

SUMÁRIO

I.	Introdução	7
Cap. 1 – 1.1	Pequena Biografia de Hermann Rorschach	11
	1.2 Fundamentos do Psicodianoóstico de Rorschach	15
Cap. 2 – 2.1	Contribuições de Hans Binder	18
	2.2 Contribuições de Bruno Klopfer	30
	2.3 Contribuições de Zygmunt Piotrowski	34
	2.4 Contribuições de John Exner	40
	Discussão	47
	Conclusão	50
	Referências Bibliográficas	52

I. Introdução

O Psicodiagnóstico de Rorschach é um método de investigação da personalidade muito utilizado em diferentes áreas da psicologia. Destaca-se por sua utilidade clínica e tem como principal objetivo o estudo da personalidade¹. Mas seu uso não é restrito à clínica psicológica e psiquiátrica. É um eficiente instrumento de pesquisas, principalmente interculturais, mas a tempo necessário para a aplicação e interpretação, e também a qualificação do profissional que o administra o tornam pouco adequado para áreas que exigem agilidade e conclusões mais superficiais, como a de Recursos Humanos. Apesar disso, foi utilizado pelo exército americano na Segunda Guerra Mundial para a seleção de pessoas (Souza, 1971). Seu uso possui algumas limitações: o examinando deverá usar a visão e ter algum modo de expressar o que vê nos estímulos. Portanto, não pode ser usado com pessoas que apresentem problemas visuais ou mentais graves que impeçam a percepção das pranchas utilizadas.

O Psicodiagnóstico de Rorschach é um dos métodos conhecidos como projetivos: “métodos de estudo da personalidade em que se confronta o sujeito com uma situação em que ele responderá de acordo com o que esta significa para ele e como ele se sente quando responde” (Frank, *apud* Rosenthal, 2007). Consiste uma prova que o sujeito responde a partir de estímulos que não são totalmente estruturados e que possibilitam o aparecimento de um componente projetivo. A tarefa consiste em identificar com o quê cada borrão de tinta apresentado nas pranchas se parece. Esses borrões apresentados são estímulos que as pessoas identificam de maneira individual, de acordo com sua própria percepção.

¹ O termo personalidade usado no Psicodiagnóstico de Rorschach pressupõe que o indivíduo possui certas características pessoais que o levam a interagir com o mundo de maneira própria.

Hermann Rorschach nunca chegou a caracterizar sua prova como uma técnica projetiva. Ele classificava seu instrumento em uma prova baseada na percepção, a qual as respostas que os sujeitos davam as manchas são proporcionais as respostas que os sujeitos dão a outras situações não estruturadas em suas vidas (Weiner, *apud* Rosenthal, 2007). Posteriormente é que seu psicodiagnóstico foi considerado uma técnica projetiva, no sentido que surgem conteúdos projetivos no momento em que o sujeito dá as respostas frente os estímulos apresentados.

Com a morte prematura de Hermann Rorschach em 1922, um ano após a publicação de sua obra, outros teóricos continuaram a desenvolver seus estudos. De acordo com Schachtel (1966), há um distanciamento entre as observações empíricas na aplicação do teste e suas respectivas teorizações no livro que Rorschach publicou em 1921 que se chama *Psychodiagnostik*, pois nesse livro Rorschach resume os resultados de seus estudos no campo da personalidade. Por esse motivo, foi essencial a continuação dos estudos relativos ao método, principalmente no desenvolvimento de suas bases teóricas. Dentre os estudiosos que mais contribuíram para isso destacam-se Hans Binder, Bruno Klopfer e Zygmunt Piotrowski. Uma dificuldade que pode ser encontrada é quanto a simbolização das categorias de resposta que foram utilizadas por esses autores para indicar os perceptos que devem ser analisados em cada mancha, pois cada um criou um sistema de codificação com siglas diferentes compatíveis com seus idiomas de origem.

Entre os caminhos apontados inicialmente por Rorschach, o menos explorado foi o relacionado às respostas de sombreado, pois Rorschach morreu antes de poder estudá-las. Não há menção às respostas de sombreado no *Psychodiagnostik*. A única referência do autor a esse tipo de respostas encontra-se em uma publicação póstuma, que data de 1922, na qual Rorschach analisou um protocolo de respostas de um paciente do

psicanalista Oberholzer. Ele considera que as tonalidades de preto, branco e cinza em sua pranchas podiam influenciar diretamente as repostas de uma pessoa diante dos estímulos apresentados. Nessa publicação, incluída posteriormente no *Psychodiagnostik* como apêndice, Rorschach considera que em algumas respostas de paisagens em perspectiva, nuvens de fumaça, costa geográfica acidentada e ondas marinhas (Souza, 1971) os efeitos de luz e sombra foram os determinantes principais. Rorschach associa essas repostas a sentimentos de insuficiência que a pessoa possui, sempre voltados para a inibição, como ser cauteloso, tímido e sentimentos depressivos (Piotrowski, 1965). Mas o desenvolvimento dos fundamentos teóricos das repostas de sombreado ficou por conta de outros autores.

Com o advento do Sistema Compreensivo de Exner, houve a necessidade de padronizar as repostas da prova com muito rigor porque os aplicadores não se baseavam num único sistema de codificação e interpretação das repostas. Desse modo a *Rorschach Research Foundation* iniciou uma pesquisa para criar um método de interpretação da prova que seria amplo e seguro (Rosenthal, 2007), que apesar do rigor com que foi conduzida, pouco explora os fundamentos teóricos subjacentes à interpretação dos dados obtidos. Nesse sentido, destaca Silva (2010, p. 91):

Refinamentos excessivos da “técnica”, se não fundamentados nos avanços da teoria e validados por dados empíricos e compreensão efetiva, podem levar a uma tendência em confundir os aspectos que se pretende estudar com o método usado pelo estudo, privilegiando equivocadamente escores e tabulações complexos e impactantes em detrimento de uma compreensão mais aprofundada e mais sutil.

Nesse mesmo sentido, advete Schachtel (1966, p. 3)

Nenhum volume de validação do significado dos escores do Rorschach pode substituir a compreensão do que se passa no teste e em sua interpretação. [...] usar o teste sem um esforço efetivo em compreender o máximo possível de sua fundamentação é tão tentador quanto perigoso.

A partir do exposto acima, este trabalho tem como objetivo levantar as contribuições de diferentes autores quanto ao conceito claro-escuro no Método de Rorschach, a fim de explicitar seus significados e fundamentos teóricos.

No Capítulo I são apresentados uma biografia sucinta de Hermann Rorschach, os fundamentos do método das manchas de tinta e a repercussão do Psicodiagnóstico de Rorschach; no Capítulo 2 segue um levantamento dos estudos realizados nesta área, contando com as contribuições de Hans Binder, Bruno Klopfer, Zygmunt Piotrowski e John Exner quanto aos vários significados dos determinantes de sombreado e sua fundamentação teórica. A discussão consiste na identificação de convergências e divergências entre as contribuições dos diferentes autores, procurando-se chegar a uma síntese da fundamentação teórica do determinante sombreado.

Capítulo 1

1.1. Pequena biografia de Hermann Rorschach

Hermann Rorschach nasceu no dia 8 de novembro de 1884, em Zurique, Suíça. Aos dois anos de idade, Hermann mudou-se com sua família para Schaffhauhen, pois seu pai, Ulrich Rorschach, foi contratado como professor de desenho na escola da cidade.

Quando Hermann tinha cinco anos de idade, sua irmã Ana nasce no ano de 1891 e cerca de dois anos mais tarde nasce seu irmão Paul. Seis anos depois, em 1897, sua mãe, Philippine Rorschach morre. Foi uma época muito conturbada, pois seu pai contrastava amas de leite para não deixar as crianças sozinhas, mas pouco adiantava, pois nenhuma conseguia se estabelecer no trabalho. Nessa época, Ulrich casa-se novamente, com a irmã mais nova de sua antiga mulher, chamava-se Regina Wiedenkeller. No ano de 1900, nasce uma filha desse casamento, sendo batizada com o mesmo nome da mãe, Regina. No dia 8 de julho de 1903, Ulrich morre, sendo vítima de uma doença incurável, Hermann tinha 18 anos na época (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

Nessa época, Hermann inscreveu-se numa associação estudantil de nome *Scaphusia*, na qual coincidentemente, ganhou o apelido de *Klex* (a grafia correta é *Kleks*), que significa mancha, borrão.

De acordo com Ellenberger, quando Hermann era criança, ele brincava com as *kleksografias* de Justinus Kerner, levantando assim questionamentos para o motivo de tal apelido, como por exemplo, o fato de Hermann gostar do pintor Klecksel, que é o protagonista de uma história de Wilhelm Bush, cartunista alemão (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

Na época, Hermann estava em dúvida sobre seguir o caminho profissional das artes ou das ciências naturais. Só decidiu-se depois de perguntar à seu amigo, Ernest Haeckel, famoso naturalista alemão, sobre qual caminho seguir. Haeckel lhe sugeriu o caminho das ciências naturais.

Assim, Hermann volta para Zurique e se dedica a medicina, concluindo sua formação em 25 de fevereiro de 1909 (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

Durante a faculdade, Hermann começa a namorar uma russa de nome Olga Stempelin, uma moça que vinha de uma família que disponibilizava de muitos recursos financeiros. Depois da faculdade, Hermann começou a trabalhar numa clínica em Münsterlingen, a qual contava com cerca de 400 pacientes. Nessa época, ele estava trabalhando em sua tese de doutorado. Ainda trabalhando em Münsterlingen, Hermann casa-se com Olga no dia 21 de abril de 1910. Seu casamento civil se deu em Zurique e a cerimônia eclesiástica em Genebra (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

Hermann recebeu seu título de doutor em medicina no dia 12 de novembro de 1912, na Universidade de Zurique. Sua tese se chamou: “Sobre as Alucinações Reflexivas e Outras Manifestações Análogas”. Nessa época, ainda não fazia idéia de que sua tese de doutorado era apenas o início do que no futuro seria o *Psicodiagnóstico* (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

Numa citação de Ellenberger (1967 p. 34 *apud* Silva, 2009):

“Rorschach examina uma por uma aquelas alucinações que surgem de modo reflexo para certas percepções e logo, em geral, a transposição de percepções entre as mais diversas esferas sensoriais, quer dizer, as óticas em cinestésicas, as cinestésicas em óticas, as acústicas em cinestésicas, as cinestésicas em acústicas, as óticas em acústicas e as acústicas em óticas”.

Em 1913, Hermann mudou-se para Rússia, para trabalhar o sanatório de Krukovo, mas logo depois volta para a Suíça, deixando sua esposa Olga na Rússia.

Na Suíça, foi trabalhar como médico assistente na clínica Waldau, em Berna. Logo depois, surgiu a vaga de chefe clínico em Herisau, e dez dias após fazer o requerimento para a vaga, foi contratado.

Hermann teve muito trabalho em Herisau, pois tal clínica contava com cerca de trezentos pacientes internados e que eram atendidos apenas por dois psiquiatras, ou seja, Hermann e seu colega. A clínica não contava com enfermeiros, médicos assistentes, atendentes e secretárias (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009).

No dia 18 de junho de 1917, nasce Elizabeth, primeira filha de Hermann e Olga. Dois anos depois, nasce Wadim, no dia 1 de maio de 1919.

Em Herisau, Hermann criou alguns testes psicológicos, e um deles era o seu “Teste das Manchas” (Silva, 2009).

Há-se de citar a possível influência de Leonardo da Vinci no Psicodiagnóstico. Silva, 2009 p.41, cita em seu trabalho que num dia chuvoso, Hermann e Olga começaram a ler um romance de Leonardo da Vinci de Dimitri Merejkowski e que Hermann ficou impressionado enquanto ela lia, em russo, um fragmento de um suposto diário de Beltraffio, aluno de da Vinci, no qual se fala num muro com manchas de umidade e interpretações dadas por pessoas a essas manchas, como “uma quimera com as goelas abertas e um jovem anjo com cabelo cacheado fugindo do monstro” (Ellenberger, 1967 *apud* Silva, 2009). Tal citação foi dita ao próprio Ellenberger pela mulher de Hermann, Olga.

De acordo com Bohm (1953, p. 26, *apud* Silva, 2009):

“nas coisas confusas e indeterminadas, o espírito alcança novos descobrimentos”, disse Leonardo, que compara estas atividades a percepção interior de nomes e palavras e no som dos sinos (interpretação dos sons)”.

Citando Bohm, Silva (2009) reitera: “diz que as manchas aparecem das mais diversas formas e nos lugares mais inusitados, tornado-se assim em um grande estímulo e produzir composições artísticas.

Piotrowski também faz uma referência a Leonardo da Vinci, (Piotrowski, 1957 pp. 29/30 *apud* Silva, 2009):

“a essência metodológica da *perceptanalysis* é chamar a personalidade por meio de estímulos ambíguos. Seu objetivo é detectar muitos traços individuais específicos quanto possível. Não se admira que os primeiros passos na *perceptanalysis* foram feitos durante o período em que o individualismo florescia em todos os campos da atividade humana, incluindo a ciência. Os primeiros princípios da *perceptanalysis* foram estabelecidos por Leonardo, que era a encarnação do verdadeiro espírito da renascença.”

A influência de Justinus Kerner com suas *kleksografias* na infância de Hermann até os anos da elaboração do teste é de grande influência. Klopfer e Davidson (1977), citado por Silva, citam Kerner “como o primeiro a trabalhar com manchas de tinta.”

De acordo com Piotrowski (1957 p. 31 *apud* Silva, 2009):

“seus versos não eram interpretações das figuras das manchas. Kerner achava que as manchas estimulavam a mente, mas ele não analisava este processo de qualquer forma. Seu trabalho não tinha importância científica”.

Assim, completa Silva, (2009 p. 55):

“Deste modo, não se pode atribuir a Kerner a idealização do teste, mas nunca perder de vista que o gérmen do teste havia sido lançado”.

Em Herisau, Hermann também se utilizava, além de seu conhecimento médico, do teste das associações de palavras de Jung, das associações livres e da hipnose. Nessa época, Hermann ingressou na Sociedade Suíça de Psicanálise, tendo sido nomeado vice-presidente.

De acordo com Ellenberger, (1967 *apud* Silva, 2009):

“Rorschach chegou a Herisau com o propósito de escrever ali uma obra baseada na vasta documentação recopilada acerca das seitas suíças, mas prontamente renunciou tal proposta e debruçou-se em seu futuro *teste das manchas* e em seu *Psicodiagnóstico*”.

Assim, continua Ellenberger, (1967 *apud* Silva, 2009):

“não se tem dúvidas de que o estímulo para ele partiu do trabalho de investigação de um jovem de Varsóvia chamado Szymon Hens, que estudou em Zurique durante os anos de 1912 a 1917 e trabalhou em sua policlínica”.

Pouco tempo depois do *Psicodiagnóstico* se lançado, Hermann já ó achava ultrapassado e entendia haver novos caminhos para serem seguidos (Silva, 2009 p. 44).

No dia 2 de abril de 1922, Hermann Rorschach faleceu devido a uma inflamação aguda na região baixo do ventre. Faleceu aos 37 anos, deixando para trás contribuições muito significativas ao seu método e à ciência.

1.2. Fundamentos do Psicodiagnóstico de Rorschach

O Psicodiagnóstico de Rorschach consiste na interpretação de formas fortuitas, que não têm uma aparência definida, mas que podem assumir quaisquer formas, de acordo com a pessoa que as está interpretando.

De acordo com Rorschach (1921, p. 15), as formas devem ser relativamente simples, pois figuras complexas dificultam o cômputo dos fatores do teste. As figuras devem ser simétricas, pois a simetria cria condições idênticas para pessoas destros e canhotos. Observou que uma grande parte dos examinandos rejeita figuras assimétricas.

A interpretação se baseia na percepção e nas idéias. A percepção está ligada às sensações que as formas provocam, ou seja, quando uma pessoa vê uma mancha, grupos de sensações provocam a recordação de antigas sensações vivenciadas, despertando um complexo de lembranças que estão ligadas a experiências passadas. Assim, a percepção é composta por assimilação, evocação e associação.

Para Rorschach (1921, p. 17):

se podemos definir a percepção como uma assimilação associativa de engramas disponíveis (imagens-recordação) a complexos de sensações recentes, poderemos compreender que a interpretação de formas fortuitas surja como uma percepção, na qual o trabalho de assimilação entre o complexo de sensações e o engrama é tão grande que por esta razão será percebido intrapsiquicamente, como trabalho de assimilação. Esta percepção intrapsíquica, da equivalente imperfeita entre o complexo de sensações e o engrama, dá a percepção o caráter de interpretação.

De acordo com Bleuler (1916 *apud* Rorschach, 1921 p. 17), “a identificação de um complexo de sensações juntamente com suas conexões é o que chamamos de idéia.”

Diferentemente do que muitos consideram a prova -- um simples teste de imaginação --, o método consiste na interpretação de formas, sendo indiferente, para sua finalidade, se o paciente é imaginativo ou não. Basta que ele produza respostas.

Alguns pacientes não tomam conhecimento do trabalho de assimilação. Para Rorschach (1921, p. 17), alguns esquizofrênicos, epiléticos, a maioria dos doentes mentais orgânicos, maníacos e débeis mentais, e até muitos sujeitos considerados normais, não chegam a interpretar a imagem, apenas a definem. Nesses casos, ocorre uma simples percepção, e não uma interpretação.

Tal fato deve ocorrer, pois, para Rorschach (1921, p. 18):

Deve, pois, existir um limiar a partir do qual a percepção, assimilação sem consciência do trabalho assimilativo, transforma-se em interpretação, isto é, numa percepção que inclua consciência do trabalho de assimilação. Para os dementes senis, os maníacos, os débeis mentais etc., este limiar está muito elevado.

Rorschach também pensou nas formas e cores das manchas, chegando à conclusão de que nem todas as manchas que chegou a criar tinham significado para seu método. Cores e formas são distribuídas de modo a interferirem na resposta dado pelo sujeito. Por exemplo, um paciente que dá mais respostas de forma do que de cor tem um caráter menos emocional, menos voltado para as questões afetivas e externas.

Para Rorschach (1921, p. 18):

as diferenças entre a percepção e a interpretação só podem ser de natureza individual e gradual e não de natureza geral e essencial; e com isto, a interpretação só pode ser um caso especial de percepção. Por conseguinte, não podemos duvidar do direito de chamar a prova de interpretação de formas de uma prova de percepção.

Capítulo 2

2.1. Contribuições de Hans Binder

Hans Binder, em 1938, foi o primeiro teórico a publicar um estudo abrangente sobre respostas de sombreado (Piotrowski, 1965), baseado em uma amostra de 271 protocolos – 51 de indivíduos normais, 101 de psicopatas, 58 de neuróticos e 61 de psicóticos (Bohm, 1960). Apesar de fundamental para a compreensão desse determinante, sua obra raramente é mencionada nos Estados Unidos – talvez pela complexidade de seu pensamento; na Europa, porém, os estudiosos do Rorschach consideram fundamentais suas contribuições para a área.

2.1.1. BASES TEÓRICAS

Fenômenos centrais e fenômenos periféricos

Seguindo a teoria fenomenológica da escola de Munique como base de explicação para seu sistema teórico, Binder distingue fenômenos psíquicos *periféricos* e *centrais*.

Os fenômenos periféricos estão relacionados à adaptação do indivíduo ao mundo; constituem o conjunto de fenômenos psíquicos sensoriais e motores que permitem o contato com o ambiente (Bohm, 1960; Coelho, 1975). Nas primeiras fases do desenvolvimento individual, essas reações são puramente instintivas e atuam sem levar em conta a situação objetiva; nas fases mais adiantadas, Binder postula o desenvolvimento de um agente mediador que se encarrega de coordenar os “lados” sensorial (entrada de estímulos) e motor (saída) da periferia do organismo. Esse sistema coordenador, que denomina “Sofropsique”, equivale às funções corticais (Bohm, 1960).

Ao contrário das rígidas reações instintivas, a sofropsique é altamente flexível e permite a adaptação ao estímulo objetivo. O conjunto desses sistemas cognitivo-conativos culmina no ego, órgão de integração por excelência, que controla, faz a mediação e integra as funções do organismo, e caracteriza a ação voluntária e intencional. “A regência sofropsíquica permite apreender as relações entre os pensamentos e selecionar espontânea e adequadamente as representações dos motivos e objetivos” (Coelho, 1975)

Na visão de Binder o ego constitui a parte organizada do id. É periférico por natureza porque representa o nível mais alto das atividades mentais. Já as pulsões e as emoções mais profundas constituem o núcleo de cada indivíduo, o id. Na concepção de Binder, são fenômenos centrais.

Embora a noção de Binder quanto ao ego se aproxime da de Freud, não se pode dizer o mesmo quanto ao id. Se, para Freud, o id é sempre inconsciente, para Binder, tanto os fenômenos periféricos quanto os centrais podem ser conscientes, semiconscientes ou inconscientes, dependendo do grau em que a consciência interna tem seu foco voltado para eles. Por meio de constante interação, ego e id combinam-se para formar o indivíduo.

Os fenômenos periféricos e centrais são fundamentais na concepção de Binder quanto aos sentimentos.

Sentimentos

De acordo com Binder, os sentimentos possuem quatro características:

1. Têm um “tom peculiar”, ou seja, jamais são indiferentes; são agradáveis ou desagradáveis, prazerosos ou desprazerosos.

2. Têm uma “subjetividade peculiar”, ou seja, neles pode-se identificar um componente subjetivo e um componente objetivo; o aspecto objetivo pode estar ausente, mas o aspecto subjetivo sempre está presente.

3. Exclusivamente por si, os sentimentos não são “direcionados”, mas estão sujeitos a um direcionamento imposto pelo exterior.

4. Não são atos, e sim estados que o indivíduo experimenta passivamente. Assim, distinguem-se de motivações², pois não envolvem atividade psicomotora, mas internamente sentimentos e motivações podem ser vivenciados como intimamente ligados.

Binder divide os sentimentos em categorias que estão ligadas aos fenômenos periféricos e centrais. A primeira categoria são os sentimentos discretos, que estão ligados ao periférico e podem ser sensoriais ou disposicionais. O termo sentimentos discretos periféricos é usado para indicar que são despertados por sensações, percepções e idéias, que variam dependendo do estado momentâneo em que cada um se encontra. Também pode acontecer de diferentes sentimentos estarem ocorrendo ao mesmo tempo.

Os sentimentos sensoriais periféricos estão ligados a algo manifesto no nível sensorial, por exemplo, uma ideação ou um pensamento, que são elementos ligados à percepção, que têm um objetivo principal pronunciado. Já os sentimentos periféricos disposicionais visam a um ato dirigido ou intencional de uma ideação ou pensamento. Como é citado, alegria, aversão, amor e medo de alguma coisa são exemplos desses sentimentos.

A segunda categoria diz respeito aos sentimentos centrais, ditos sentimentos totais, e também é dividida em sensórios e disposicionais. Tais sentimentos são despertados através da experiência periférica, ou seja, sentimentos sensoriais totais

² Do inglês “striving”

emergem quando experienciamos no periférico a totalidade de um sentimento sensorial. De acordo com Bohm (1960): “uma multiplicidade difusa é experienciada, que através de alguma característica de base comum é fundida em um todo.”³ Já os sentimentos disposicionais totais implicam uma ampla área de eventos numa situação total.

Os sentimentos totais surgem da ressonância dos sentimentos sensórios e disposicionais centrais, nas camadas mais profundas da personalidade, não tendo caráter intencional, pois ao longo do tempo, seu caráter direcional é muito fraco, diferenciando-se dos sentimentos periféricos.

O caráter subjetivo dos sentimentos centrais é preponderante, sendo que dois sentimentos diferentes não podem existir ao mesmo tempo na consciência. Fazendo analogia com o termo em alemão de Kuelp: “Gemeingefühle”, os sentimentos totais são sentimentos que todos têm.

A última divisão feita por Binder dos sentimentos centrais caracteriza sentimentos endógenos, que são vitais. Citando Bohm (1960 p. 205), “o mais profundo de tudo que é experienciado”, não sendo sentimentos reativos, como os outros acima citados, mas especificamente endógenos. São puramente subjetivos e não direcionados. Esses sentimentos endógenos muitas vezes se misturam com os sentimentos totais, formando os humores. Uma consequência da grande disseminação desses sentimentos faz com que sentimentos intensos de caráter periférico se estendam ao centro da personalidade, transformando-se em humor, mas esse tipo de humor adquire uma direção concreta.

³ Do inglês: “A diffuse multiplicity is experienced, which through some common basic feature is merged into a whole.”

Emoções e Percepções

Binder desenvolveu a teoria dos sentimentos, pois supunha que havia relações entre as emoções e as percepções que influenciavam a percepção diante de um estímulo visual, diferenciando duas atitudes que nos influenciam na percepção.

Pode-se separar cada padrão sensorio para apreendê-lo de forma clara. Se percebemos o todo como a soma das partes, por exemplo, como algo somativo, apenas uma fusão incompleta de sentimentos distintos pode ocorrer, pois tal atitude vem acompanhada de muitos estímulos sensoriais e sentimentos disposicionais discretos. Seu resultado é chamado de sentimentos misturados, confusos, pois tal separação pode resultar em um direcionamento para apenas um dos sentimentos disposicionais.

O indivíduo pode também compreender a totalidade perceptiva de modo a não perceber os componentes sensoriais separadamente, percebendo uma multiplicidade difusa do estímulo.

Ambos os modos de experienciar os estímulos remetem à intencionalidade. Alguns estímulos, dependendo do modo que são percebidos, por exemplo, como um mosaico, não são percebidos como “impressão total”. Por outro lado, alguns borrões constituem estímulos que são dificilmente separados, sendo provável que aconteça uma impressão total, especialmente se tais estímulos contêm detalhes comuns. Tais impressões visuais nos remetem a humores reativos, quando falamos dos sentimentos centrais e totais. Essas idéias acerca de visualização de estímulos correspondem a certas pinturas, nas quais há tantos detalhes, que nossos olhos não conseguem repousar em um único ponto. Tais impressões nos causam diferentes tipos de humores, por exemplo, quando impressões cromáticas são internalizadas diferentemente das acromáticas.

Vemos cores cromáticas mais separadamente, como se existissem

muitos objetos que são diferenciados, mas que juntos formam uma única impressão, sendo sua reação emocional um sentimento discreto. Assim, forma-se uma impressão do todo.

Já a impressão dos estímulos claro-escuro são experienciadas de forma totalmente diferente. Seus matizes preto-cinza-branco são vistos como difíceis de separar, sendo automaticamente percebidos como uma impressão total, pois diferentemente das cores cromáticas, os matizes do claro-escuro se assemelham. Nosso humor tende a ser eufórico quando percebemos cores cromáticas e disfórico perante cores acromáticas. As condições de não haver uma delimitação distinta e similaridade entre os elementos da mancha, é o que sempre pode ser considerado na análise do material claro-escuro como impressões totais. Binder ainda concretiza tal experiência de percepção dizendo que os estímulos claro-escuro produzem o fundo (background) da experiência, ou seja, os sentimentos totais, os humores, enquanto que as cores cromáticas proporcionam o primeiro plano (foreground), o qual desperta sentimentos discretos como “leitmotiv”⁴.

Nesse sentido, afirma Binder (*apud* Bohm, 1960 p. 208):

“Valores de claro-escuro primeiramente afetam os sentimentos totais, produzindo reações de humor; os matizes cromáticos afetam principalmente os sentimentos discretos.”

Entretanto, essa afirmação, não se aplica a todas as repostas de cores da prova. As cores cromáticas que despertam sentimentos discretos se referem às “cores de superfície”, que na prova correspondem às repostas FC.

⁴ Leitmotiv: motivo condutor; “significa genericamente qualquer causa lógica conexiva entre dois ou mais entes quaisquer”; na psicologia (psicanálise): causa conexiva psíquica, usualmente inconsciente, investigada pelo médico psicanalista como liame de eventos em processos mentais, e, assim, utilizada interpretativamente, quer no modo diagnóstico, quer no prognóstico terapêuticos.

Já as “film colors” não apresentam forte afinidade com sentimentos discretos, porém, mantêm relação direta com os humores. Elas dizem respeito principalmente as respostas C e possivelmente as CF, como é mostrado em pacientes com humor agitado. Exemplos como azul oceano, verde floresta e brilhar-sol podem ser tomados como exemplos de “color mood”.

Binder nos diz de uma segunda exceção que deve ser levada em conta. Ocasionalmente, o claro-escuro pode ser experienciado como sentimentos discretos, como as cores cromáticas. Esse fenômeno ocorre quando o estímulo de sombreado está bem demarcado, com um brilho suficiente para produzir um efeito de separação nas formas.

Emoção e comportamento manifesto

As considerações de sua teoria que envolvem os comportamentos manifestos estão relacionadas com o mecanismo de controlar as funções mentais da “sophrosyche”. Binder nos diz que toda a organização mental é representada como síntese entre o padrões cognitivos da “sophrosyche” e as forças motivacionais-emocionais. Tal síntese resulta no que se pode considerar “razão, sentimento e motivação” como tal formação global. O papel da “sophrosyche” é ser um sistema de regulação entre o periférico e as emoções e impulsos centrais, mas num sentido de controle e não de contradição.

Empatia

Para completar a revisão sobre as bases teóricas do sistema de Binder, devemos tratar sobre o controverso conceito de empatia. Para Binder, a identificação com outra pessoa não resulta de empatia. Empatia é a projeção de suas emoções e impulsos, com

acompanhamento sinestésico, em um objeto externo. Os sentimentos discretos do sensorio são melhor objetivados dessa maneira, como localizados completamente no objeto. Por outro lado não há projeção de sentimentos disposicionais discretos. Já para os sentimentos centrais, tanto os sensorios quanto para os disposicionais, a empatia é um fenômeno comum.

Choque ao escuro

Tal termo consiste numa impossibilidade de responder aos cartões que só apresentam a cor preta. Frequentemente ocorre inibição das interpretações nesses cartões, refletindo-se em respostas Dd ou Do, com formas pobres, estereótipos triviais, perturbação de sequência ou percepções não usuais.

Desde que Binder se ateu à existência do choque ao escuro, todos os cartões de cores acromáticas apresentam esse fenômeno, sendo um indicador de ansiedade. De acordo com Bohm, (1960, p. 217): “...hoje sabemos que o choque ao escuro pode aparecer como componente de síndromes psicopatológicas como fobias, psicastenias (fobias, obsessões, compulsões ou ansiedade exacerbada) etc..”

Bohm cita Hence Mohr, que faz algumas especulações quanto à psicogênese do choque ao escuro: simbolicamente o preto seria “percebido como o oposto da vida inerente à luz”, como algo sem vida, vazio e morto. Ainda de acordo com Mohr (1944, *apud* Bohm 1960 p. 217): “os aspectos positivos (da cor preta) são a estabilidade, o imutável, o solene, o símbolo de autoridade, a grandiosidade da morte e o divino. Os aspectos negativos são culpa, revolta, ansiedade e o julgamento”.

2.1.2. SISTEMA DE PONTUAÇÃO

Em sua análise, Binder dividiu as respostas claro-escuro em duas grandes categorias de análise, pois não chegou a uma única interpretação em relação às respostas. O primeiro grupo consiste nas “*shading responses*” (respostas de sombreado), enquanto o segundo grupo é propriamente as respostas de claro escuro, as quais são baseadas inteiramente numa total impressão difusa do claro-escuro. Para identificar o primeiro grupo, Binder simbolizou-o respostas (C), enquanto sua pontuação é $F(C) +$, pois implica um estreitamento com a pontuação originalmente utilizada por Rorschach para a categoria, mas de uma forma mais precisa. Já o símbolo utilizado para o segundo grupo é Ch .

Respostas (C). Código: F(C). A frequência dessas respostas é inversamente proporcional quanto ao grupo Ch e as repostas de movimento (M). Há um correlação negativa com as respostas (W) e positiva quanto as respostas (D) e (Dd). Tais respostas são bastante raras e tal pontuação é usada indevidamente.

De acordo com Binder (*apud* Bohm, 1960 p. 211):

“Numa área selecionada, o sujeito, dentre todos os sombreados discretos, seleciona-os individualmente, enfatizando primeiramente as delimitações de forma, e secundariamente seu valor claro-escuro.”⁵

Nesse mesmo sentido, a raridade dessas respostas é citada por Binder (*apud* Bohm, 1960p. 211):

“Em cada resposta $F(C)$, vários matizes individuais devem ser utilizados e cada um deles deve ser interpretado separadamente. Estas nuances individuais devem ser objetivamente diferentes em brilho e claramente delineadas umas das outras.”⁶

⁵ Do inglês: “Within the selected blot area, the subject, from among all the conspicuous shadings, picks out each individual one, primarily emphasizing the delimiting forms of the individual shadings, and only secondarily their chiaroscuro values (2, pp. 26-27).”

As respostas F(C), que ocorrem raramente, em casos de pessoas neuróticas e psicopatas sempre indicam um limiar baixo de sentimentos discretos e de nuances específicas ligadas à adaptabilidade afetiva, embora o controle da *sophropsychic* seja adequado.

Binder também distingue dois grupos de respostas F(C). O primeiro grupo consiste em respostas que há preponderância de sombras mais escuras. Tais respostas sugerem sentimentos periféricos de inclinação à ansiedade e depressão em pessoas que são consideradas inseguras. Tendo em seu protocolo de respostas principalmente a cor verde ou azul. No outro grupo, matizes únicos são principalmente enfatizados, por exemplo, paisagens íntimas com nuances idílicos são carinhosamente descritas, pelas macias que são sensualmente tratadas, figuras cinzeladas. Esse tipo de resposta é visto em pessoas com adaptação emocional plástica, pois em suas respostas aparecem tons suaves e agradáveis. Essas pessoas produzem um considerável número de F(C), consistindo tons fortes de vermelho e amarelo. Pode-se dizer isso em tipos extratensivos de experienciar as F(C), são indicadores de sensibilidade, considerando que no tipo de experiência introversiva, prefere-se considerar a hipersensibilidade. Já respostas de F(C) com combinação de áreas brancas [S F(C)+] correspondem a realização de desejos, como Rorschach percebeu.

Bohm chama as respostas F(C) de “tropas auxiliares das cores”, uma vez que tais respostas sempre aparecem nos protocolos em conjunção com as respostas de cor. As F(C), como a cromática FC, reflete a adaptação emocional do sujeito, entretanto, a forma representa capacidade de empatia.

Três grandes divisões da configuração cor-sombreado:

⁶ Do inglês: “In each *F(C)* response, several single shadings must be used and each of them must be interpreted separately. These individual shadings, must be objectively different in brightness and clearly delineated from each other (2, p. 31).”

- As F(C) ocorrem no protocolo (muitas vezes como FCh ou até ChF) sem respostas de cor. Estes são casos de sujeitos que compensam sua falta de adaptação emocional e empatia por uma forma de contato mais intelectualizada, hesitante e indireta.

- Em casos de preponderância de F(C) sobre FC, a sensibilidade do sujeito aproxima-se de uma hipersensibilidade, particularmente em casos de experiência introversiva.

- Respostas F(C) podem ocorrer junto com respostas de cores que são instáveis, junto com CF e C, e não ou muito pouco FC. Essa combinação parece ser típica da forma de hipersensibilidade encontrada em pessoas esquizóides, que escondem um núcleo sensível, sendo suas reações bastante intrigantes ao observador.

Respostas propriamente de claro-escuro ou respostas Ch.

Por falta de designação própria para os dois grupos de respostas, Binder atribui o termo claro-escuro tanto para as respostas F(C) quanto as Ch, embora ele reserve o símbolo Ch somente para as respostas genuínas de claro-escuro. São respostas de W e ou se referem a grandes detalhes da mancha. A frequência dessas respostas é inversamente proporcional às respostas de F(C) e as de cor. Respostas Ch têm uma correlação alta e positiva com respostas W, negativa com D e muito negativa com as Dd. Nessas respostas, matizes únicos não são selecionados; a delimitação de formas de matizes individuais não recebe atenção. O contorno das formas pode desempenhar um papel mais ou menos significativo.

Binder também divide as respostas Ch, em analogamente como as respostas de cor, mas em três subgrupos:

- As respostas FCh+ ou FCh- (dependendo qualidade de percepção das formas). Essas respostas que o contorno da forma é primeiramente enfatizado. Por exemplo, “um espantalho coberto com material escuro” no cartão VI ou a “silhueta de ruínas de um castelo nas rochas”, no cartão VI, na metade superior. “Pele de animal” (especialmente nos cartões IV ou VI) devem ser classificadas como FCh onde o fator claro-escuro é enfatizado.

- As respostas ChF são interpretações que a impressão de claro-escuro, são muito mais importante do que a delimitação das formas, que é fraca e confusa, se não inteiramente ignoradas. “Nuvens de tempestade” no cartão VII, “imagens de raio-X de um animal” no cartão VI são exemplos.

- O último grupo são as respostas puras de claro-escuro, as Ch. A forma é inteiramente ignorada na interpretação, o sujeito não reporta nada além de uma difusa impressão do claro-escuro. “Humor tempestuoso” no cartão VI, “como um pesadelo” no cartão VI ou “o jogo das ondas” no cartão I, do lado direito, são exemplos.

As Ch são mais freqüentes em pessoas neuróticas do que em pessoas normais e ainda mais freqüentes em psicopatas. Em contraste com as F(C), as quais refletem sentimentos discretos periféricos, as Ch estão sempre conectadas com os sentimentos centrais, principalmente de natureza disfórica. No caso das FCh, o controle sofropsíquico dos humores é assumido, uma vez que acompanha uma alta porcentagem de F+. O controle dos humores é inadequado em respostas ChF e ausente em respostas Ch. No caso das respostas FCh-, existe um esforço para auto-controle, mas por causas de inadequação de juízo, não é mais eficaz.

2.2. Contribuições de Bruno Klopfer

2.2.1. BASES TEÓRICAS

Para Klopfer (1954), as respostas de sombreado se referem ao modo como o indivíduo organiza suas necessidades de afeto. As atitudes tomadas frente à insensibilidade, à evasão e à negação de sua total aceitação acham correspondência na ampla variedade de respostas aos efeitos do sombreado diante de um estímulo material.

Sua lógica pode ser formulada em quatro etapas:

- 1- Os efeitos de sombreado criam, na maior parte dos sujeitos, uma sensação de contato;
- 2- Tal sensação de contato evoca no sujeito sua necessidade básica por proteção emocional (ser sustentado, pertencer);
- 3- Essa necessidade, por sua vez, evoca respostas ligadas às necessidades individuais da vida dos sujeitos (ansiedade, aceitação, negação etc.);
- 4- Reciprocamente, tais respostas influenciam predominantemente o uso conceitual dos estímulos de sombra.

Assim, Klopfer afirma que a dinâmica do sombreado permite inferir sobre a matriz emocional do indivíduo, da qual brotam todas as funções construtivas do ego.

De acordo com Vorhaus (1952, *apud* Klopfer, 1954, pag. 580):

As respostas de sombreado são divididas em dois tópicos: as diferenciadas *Fc* e *Fk* e as indiferenciadas *K*, *k*, *c*. Muitas subdivisões ocorrem, mas o grande número está nas *Fc*. Apenas quando *Fc* é usado para indicar algo quente, macio ou transparente, a pontuação chega a 1. Já quando o *Fc* é usado como algo frio ou duro, a pontuação é 0,5. A condição mais favorável quanto à integração emocional (um dos quatro componentes listados na definição de força do ego) parecem ser atendida de acordo com o primeiro tipo de *Fc* mencionado.⁷

⁷ Do inglês: "The shadings responses are divided into the usual headings: the differentiated (*Fc* and *Fk*) and the undifferentiated (*K*, *k*, *c*). Several sub-divisions occur, the greatest number being in the *Fc* area.

Podemos distinguir entre as respostas Fc no que elas são baseadas:

- 1- Na organização da sombra com contornos indefinidos;
- 2- Em contornos definidos, mas com sombras indiferenciadas;
- 3- Na combinação de linhas de contorno definidas e organização interna.

Klopper deixa claro que, nesse último nível, o sujeito apresenta um nível elevado de integração de sua necessidade de afeto, que o leva a ter diferentes relacionamentos emocionais; o número de reações ao sombreado permite um ganho de *insights* sobre a formação defensiva do ego. O primeiro nível também apresenta um alto grau de integração da necessidade de afeto, mas sua falta de forma implica dificuldade em achar um parceiro na realidade. Já o segundo nível indica o tipo de relacionamentos emocionais que prevalecem na nossa cultura: um contato superficial bem estabelecido, mas com falta de profundidade e diferenciação interna.

Integração emocional

Integração emocional representa o equilíbrio entre uma organização originária indiferenciada e primitiva de intermináveis integrações e as re-integrações à estrutura de personalidade organizada que o ser humano adulto tem em nossa cultura.

Para Klopper, a energia vital pode ser usada para fins construtivos ou ser investida nos mecanismos de defesa.

A função gradual do teste de realidade com a necessidade de afeto constitui o maior desenvolvimento da integração emocional.

De acordo com Klopper (1954, p. 590), a ansiedade flutuante, expressada em respostas de sombreado difuso como névoa e fumaça, são uma das mais importantes

Only when Fc is used to indicate something warm, soft, or transparent does the score reach 1. Fc, when used for something cold or hard, is 0,5. The most favorable condition for emotional integration (one of the four components listed in the definition of ego strength) seems fulfilled in relation to the first mentioned Fc.”

forças que promovem o crescimento da integração emocional. Seu desenvolvimento é expresso na mudança de respostas K para k.

Outro modo de utilizar a ansiedade flutuante para a promoção uma maior integração emocional é o uso da introspecção como equilíbrio emocional, sendo manifesto na elaboração de respostas vista.

A capacidade mínima de integração emocional, indicada por muita ou pouca apatia ao estímulo de sombreado, é encontrada nos sujeitos em que seu desejo básico por segurança está traumatizado desde tão cedo que sua capacidade de sentir sua necessidade por afeto se encontra definhada.

2.2.2. SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

Há três grandes efeitos envolvidos no determinante de sombreado:

c: a diferença de tons dá impressão de superfície ou textura;

K: a diferença de tons dá impressão de tridimensionalidade ou profundidade, quer no sentido de difusão (K ou KF) ou perspectiva (FK);

k: a diferença de tons dá a impressão de expansão tridimensional projetada num plano bidimensional.

Respostas de sombreado diferenciado:

Fc: quando a superfície ou o efeito de textura tem forma definida;

FK: quando tridimensionalidade ou a impressão de profundidade é combinada com uma forma definida, por exemplo em uma respostas de vista ou perspectiva a uma paisagem;

Fk: nesse caso, o efeito de k, acima citado, tem uma forma definida, por exemplo, raio-x do peito mostrando as costelas ou o mapa topográfico de um país específico.

Respostas de sombreado indiferenciado:

cF: o objeto tem forma vaga ou indefinida e a atenção do sujeito tem foco na superfície;

c: o sujeito ignora completamente qualquer elemento de forma; o foco está apenas na superfície ou no efeito de textura. Isso só pode ser demonstrado se o sujeito usar o sombreado de modo mecânico, repetindo tais respostas mais que duas vezes numa série de manchas;

KF: algumas formas entram num contexto de profundidade ou impressão de difusão, mas com um fluxo amórfico implícito no conceito;

K: a resposta implica profundidade ou difusão, mas sem nenhum tipo de forma;

kF: quando há projeção tridimensional num plano bi-dimensional num objeto de forma indefinida;

k: há projeção tridimensional num plano bidimensional, mas não há nenhum tipo de forma implícita. É extremamente raro.

2.3. Contribuições de Zygmunt Piotrowski

2.3.1. BASES TEÓRICAS

Perceptanálise foi o termo escolhido por Piotrowski para descrever o processo de análise próprio do Psicodiagnóstico de Rorschach quanto à investigação da personalidade.

De acordo com o autor (1965, p. 2): “A análise dos perceptos é um método de investigação da personalidade que tem, como característica exclusiva, é que as inferências sobre a personalidade do indivíduo devem basear-se unicamente na análise dos aspectos formais e de conteúdo material das interpretações de estímulos visuais ambíguos e indeterminados. É mais que um teste. É uma forma de pensar.⁸ Segundo Piotrowski, Rorschach dizia que seu “experimento” consistia na interpretação de formas acidentais, não específicas. Assim, o examinando costuma experienciar essas interpretações como um produto de sua imaginação, considerando que o ponto principal não é ter um estímulo acidental, inestruturado e ambíguo.

Os requisitos essenciais são:

- o estímulo visual pode provocar um grande número de diferentes perceptos de cada pessoa que olha para eles;
- cada indivíduo produz um número limitado de perceptos;
- o conjunto de perceptos varia de um indivíduo para outro a um grau máximo;

⁸ Do inglês: “Perceptanalysis is a method of personality investigation, the unique feature of which is that the inferences about the subject's personality must be based solely on the analysis of the formal aspects and of the material content of the subject's interpretations of ambiguous and the indeterminate visual stimuli. It is more than a test. It is a way of reasoning.”

- o conjunto ou padrões de perceptos variam para cada indivíduo de acordo com as mudanças em sua personalidade, sendo tais mudanças pequenas e graduais ou rápidas e acentuadas;

- os mesmos aspectos formais e de conteúdo material dos perceptos têm a mesma conotação e o mesmo significado para todos, e estão subordinados ao princípio da interdependência dos componentes, não importando quem o produz, ou quando o faz.

A *perceptanálise* também traz uma crítica ao termo “técnica projetiva” para o Psicodiagnóstico de Rorschach. De acordo com Piotrowski, o termo técnica projetiva é atribuído a todos os testes de personalidades nos quais são mostrados ao sujeito estímulos indeterminados ou ambíguos, com a expectativa de que o sujeito dê uma resposta precisa, sendo tais designações específicas e erradas ou vagas e gerais.

Segundo Piotrowski (1965): “Rorschach produziu mais do que um experimento ou um teste. Ele criou uma ciência nova, sistemática, independente e abrangente, capaz de grandes desenvolvimentos e de crescimento duradouro e constante, além do tempo de vida de seu criador.”

Na opinião do autor, para os autores que estudaram a *perceptanálise*, as respostas de sombreado são indicadores de medo e ansiedade. Sua ocorrência varia com o grau de ansiedade e de desintegração da personalidade associada à ansiedade. Mas, prossegue, nas explicações sobre o significado das respostas de sombreado (ShR) observam-se duas deficiências. Primeiro, as ShR não são as únicas indicadoras de ansiedade, passividade, depressão ou de uma adaptação tímida e medrosa com os outros. Por exemplo, muitas respostas de movimento humano e grande parte das respostas de pequenos detalhes em protocolos com poucas respostas globais denotam ansiedade,

hesitação, timidez e resignação. Geralmente os casos de depressão pode ser observado um longo tempo de reação inicial ao estímulo, com interpretação lenta e sem imaginação, tendo um nível limitado de produção intelectual. Medo e evasão são mostrados por todas as respostas de cor negativas.

O segundo aspecto é que a teoria dos significados das ShR nada diz a respeito de sua relação com a atividade motora manifesta. Como já foi dito, por exemplo, respostas de pequenos detalhes denotam ansiedade, porém, é um estado de ansiedade com tendência ao alívio, pois o indivíduo está se ocupando de coisas sem importância, que não requerem grandes planos ou atenção para serem executadas.

Assim, para Piotrowski se torna necessária a explicação da ansiedade em indivíduos que não produzem nenhum tipo de ShR, pois mesmo que em seu protocolo não apareça nenhuma resposta desse tipo, isso não quer dizer que não haja ansiedade no indivíduo, pois a mesma pode estar associada a doenças somáticas e não à ansiedade que é gerada nas relações humanas. Portanto, é necessário um esclarecimento quanto ao papel desempenhado pelas ShR e sua relação com os comportamentos manifestos.

Para o autor:

- 1- As ShR estão diretamente relacionadas com os comportamentos manifestos.
- 2- O grau da sensação subjetiva de ansiedade não está correlacionado com o número total de ShR, mas com a diferença entre a soma ponderada das respostas de sombreados claros e a soma ponderada das respostas de cor; uma segunda medida é a soma ponderada das respostas de cores escuras.
- 3- As ShR não são respostas de cor cromática potenciais.
- 4- As categorias das ShR estão reduzidas ao mínimo.

Piotrowski destaca que existem duas formas de um organismo, humano ou inferior, lidar com a ansiedade ou aliviá-la: lutar ou fugir. As ShR são os únicos indicadores de ansiedade que permitem estimar a probabilidade de manifestação motora efetiva de uma tendência à atuação. Costuma-se associar os níveis de ansiedade com a frequência de respostas de ShR nos protocolos. Entretanto, as evidências clínicas mostram que essas correlações não são altas, mas são positivas. Pacientes esquizofrênicos que produzem respostas de sombreado costumam ter a vida muito mais calma e adaptada do ponto de vista emocional, do que paciente que não apresentam esse tipo de respostas; muitos indivíduos que não produzem ShR costumam ter crises agudas de ansiedade.

Piotrowski cita que Guirdham realizou um estudo que mostra que pacientes psicóticos maníaco-depressivos em depressão produzem poucas SHR, como nuvens e fumaça. Já psiconeuróticos produzem muito mais respostas desse tipo.

Em seu esquema teórico, Piotrowski afirma que as ShR não tendem a se tornar respostas de cor, divergindo do próprio Rorschach e de outros autores, pois as ShR muitas vezes desaparecem sem que seja observado qualquer aumento de respostas de cor; da mesma forma, não há aumento de ShR em caso de diminuição de respostas de cor.

Segundo Piotrowski (1965): “Do ponto de vista tanto da fidedignidade quanto da utilidade, parece melhor ter o mínimo de categorias de classificação das ShR

necessárias para assegurar a coerência com a validade e com a chegada a conclusões, o mais abrangentes possível, a ser extraídas das ShR.”⁹

2.3.2. SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

O sistema de pontuação das respostas de sombreado desenvolvido por Piotrowski consiste em quatro categorias: c’, Fc’, Fc, c. Ele mesmo cita que é um sistema simplificado, que se baseia principalmente nos conceitos de luz e sombra.

As pontuações c’ e Fc’ destinam-se a respostas que predominam as cores mais escuras, como o preto e tons de cinza escuro. Segundo Piotrowski (1965): “É possível reagir de imediato a essas áreas escuras ou com um humor e/ou com uma percepção sem ter que estudar as áreas em seus detalhes visuais.”¹⁰ Nas respostas c’, raramente as sombras são vistas como matizes de cor, mas sim como áreas de cores escuras. Tais afirmações são propostas, pois desde que os matizes escuros são interpretados, um mesmo objeto pode ser percebido na mancha mesmo quando os tons escuros não são mencionados na resposta.

As pontuações c e Fc são dadas as respostas de sombra que contém matizes claros de cinza, ou seja, todas as respostas que não contém tonalidades muito escuras. As respostas de perspectiva se incluem entre as respostas c. Como tais respostas muitas vezes contém vários graus de cinza, o percepto contruído requer muitas nuances e matizes para ser percebido.

⁹ Do inglês: “From the standpoint of both reliability and efficiency, it seemed best to have as few scoring categories of ShR as appeared consistent with validity and with making the conclusions to be drawn from the ShR as comprehensive as possible.”

¹⁰ Do inglês: “It is possible to react immediately to these dark areas either with a mood and/or a percept without having to study the areas in their visual details.”

Piotrowski exemplifica essa situação dizendo que não pode existir um mapa topográfico ou nuvens sem diferentes nuances, pois se retirássemos tais nuances, tornaria-se muito difícil identificar que tal figura é vista como um mapa topográfico ou uma nuvem.

As respostas c nunca são baseadas exclusivamente no contorno da área indicada, mas na superfície acidentada que é indicada. Por esse motivo, deve-se tomar cuidado, pois se torna difícil reconhecer os diferentes gradientes de cinza que formam uma resposta de sombra e sintetizá-los numa única resposta.

Outra diferença entre o sistema de Piotrowski é que a interpretação do significado da cor branca foi eliminado na pontuação das ShR. As respostas c' não incluem respostas que aparecem áreas brancas. Tais respostas que utilizam o branco possuem uma categoria própria, já o restante das respostas são de forma e movimento. Seu símbolo é CwR.¹¹ Porém, quando uma área branca é considerada significativa e interpretada positivamente, como por exemplo, “um monte de carvão preto [deitado] na neve”¹², sua pontuação é Fc'Cw

¹¹ CwR: “Color white responses”.

¹² Do inglês: “a heap of Black coal lying in the snow”.

2.4. Contribuições de John Exner, Jr.

BASES TEÓRICAS E SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

John Exner não desenvolveu uma teoria para o Sistema Compreensivo, mas realizou amplo trabalho de levantamento e comprovação dos sistemas mais importantes já existentes, que levaram à seleção de símbolos e critérios escolhidos para o *Sistema Compreensivo*.

De acordo com o autor, o método de Klopfer é o mais abrangente, mas o estabelecimento de regras idiomáticas para a atribuição de códigos a respostas específicas pode levar à classificação de sombreado quando os critérios para isso não são atendidos, particularmente nos determinantes Fc e FK de Klopfer. Por exemplo, as palavras que determinam o código FK envolvem respostas de perspectiva e reflexo, mesmo que o sombreado não seja mencionado. Ainda segundo Exner, há evidências de que o tipo de sombreado percebido, por exemplo, em respostas de raios-X (cor acromática ou sombreado difuso), é diferente do percebido em respostas de mapas topográficos (vista), ambas classificadas como Fk no sistema de Klopfer.

Essas considerações levaram Exner a adotar um método com critérios diferentes, evitando o critério de palavras específicas, que diferencie claramente os vários tipos de respostas de sombreado.

Assim, Exner optou pelos códigos de sombreado de Beck (T,V,Y)¹³, embora adote critérios mais restritos para as categorias de *sombreado difuso* e *vista*: as respostas de *vista* referem-se somente às que envolvem a percepção de diferenças de saturação; as de *sombreado difuso* excluem respostas de cores acromáticas (C'), nas quais os

¹³Respectivamente: Determinante de textura (T); determinante de vista (V); determinante de sombreado difuso (Y).

diferentes tons são percebidos como cores e não como nuances de uma mesma cor (Exner 1994, p. 126).

Ao mesmo tempo, é correto afirmar que os determinantes de sombreado (T, V, Y), assim como o de cor acromática, estão relacionados a afetos desagradáveis ou perturbadores. Em conjunto, essas respostas indicam um mal-estar afetivo experimentado internamente (Exner 1994, p. 325).

O determinante de textura

Para Exner (1994, p. 325), foi Klopfer que reconheceu um código diferente para as respostas de textura, e posteriormente, relacionou-as com necessidade de afeto e dependência.

Hertz (1948, apud Exner 1994, p. 325), indicou que o determinante de textura reflete uma sensibilidade tímida e delicada, caracterizando um desejo de se manter uma melhor conexão com o ambiente.

Segundo Exner (1994, p. 325), McFate e Orr comprovaram que respostas TF e T são mais frequentes no início da adolescência do que adolescência tardia e na vida adulta. Já Montalto, encontrou que crianças de 6 e 7 anos cujas mães são mais autoritárias dão significativamente mais respostas de textura que crianças da mesma idade que têm mães mais flexíveis.

Steiner (1947, apud Exner 1994, p. 325) comprovou que trabalhadores malsucedidos dão um número maior de respostas de textura do que trabalhadores bem-sucedidos.

De acordo com Exner (1994, p. 327), a maioria dos pacientes que dão uma resposta T tem maior necessidade de intimidade. Talvez se sintam mais solitários, ou talvez tenham mais necessidade de depender de outras pessoas. Já o contrário, pessoas que não apresentam respostas de textura, parecem não depender tanto de contato interpessoal e costumam se manter mais na defensiva.

Características e classificação do determinante de textura

Muitas vezes, as pessoas interpretam o elemento de sombreado como estímulos táteis, como se o objeto apresentado contivesse características percebidas pelo tato. Por exemplo: mole, duro, suave, sedoso, granuloso, peludo, frio, quente, pegajoso, gorduroso etc. A resposta de textura é codificada quando os componentes da mancha são usados para justificar esses tipos de percepção (Exner, 1994, p. 127).

Os determinantes de textura podem ser codificados de três formas:

- Textura pura (T): usado para respostas nas quais os componentes de sombreado da mancha são traduzidos de modo a representar um fenômeno tátil, sem consideração pelas características formais da mancha;
- Textura-forma (TF): usado para respostas nas quais as características de sombreado da mancha são interpretadas como táteis e a forma é usada secundariamente, com propósito de elaboração e/ou esclarecimento;

- Forma-textura (FT): usado para respostas baseadas principalmente nas características da forma. As características de sombreado da mancha são traduzidas como táteis, mas têm importância secundária.

*O determinante vista*¹⁴

Rorschach identificou pela primeira vez respostas de vista como aquelas que continham referências à dimensionalidade.

Klopfer, Kelley e Beck criaram sistemas de codificação para tais respostas de perspectiva, sugerindo que esse tipo de resposta está associado a alguma forma de introspecção. Klopfer indicou que representam esforços para controlar a ansiedade, enquanto Beck as relaciona a um tom emocional mais taciturno provocado por depressão, sentimentos de inferioridade ou ambos (Exner 1994, p. 328).

De acordo com Exner (1994, p. 329):

Os dados disponíveis sobre as respostas de vista parecem endossar a hipótese de Klopfer e Beck sobre a sua relação com um processo introspectivo de distanciamento. No entanto, não parece que essa relação seja direta. Parece estar mais relacionada a uma experiência emocional negativa provocada pelas condutas de autocentramento.”¹⁵

Como fundamento para sua interpretação dessa variável, Exner menciona alguns dados, sintetizados a seguir.

¹⁴ Em português, o determinante vista é uma subcategoria do determinante de sombreado, chamada profundidade ou perspectiva.

¹⁵ Do espanhol: “Los datos disponibles sobre las respuestas de vista parecen avalar la hipótesis de Klopfer-Beck respecto a su relación con un proceso introspectivo de distanciamento. No obstante, no está muy claro que la relación sea directa. Más bien parecen relacionarse con una experiencia emocional de signo negativo que es resultado de las conductas de autocentramiento”.

É a subcategoria menos freqüente entre os determinantes de sombreado, aparecendo apenas em 20% dos protocolos de adultos normais, em comparação com 35% de freqüência em protocolos de esquizofrênicos; foram observadas respostas dessa categoria em apenas dois de 195 protocolos de crianças de idades entre cinco e onze anos da amostra de padronização.

Meltzer (1944, *apud* Exner 1994, p. 329) mostrou que respostas de vista aparecem com uma freqüência alta em pessoas gags. Exner observou que respostas de vista se dão com mais freqüência em sujeitos que tentam se suicidar nos 60 dias posteriores à aplicação do teste; por esse motivo, incluiu essa variável na Constelação de Suicídio do Sistema Compreensivo.

Características e classificação do determinante vista

As respostas de vista se caracterizam por uma alteração do aspecto bidimensional da mancha. O tipo mais freqüente é o que os contornos criados pelo sombreado sejam usados para produzir uma impressão geral de profundidade.

O determinante vista pode codificar-se de três formas:

- Vista pura (V): usado para respostas nas quais as características de sombreado são interpretadas como profundidade ou dimensionalidade. Não envolve forma.

- Vista-forma (VF): usado para respostas nas quais as características de sombreado são interpretadas como profundidade ou dimensionalidade. As características formais são incluídas, mas tem uma importância secundária.

- Forma-vista (FV): usado para respostas baseadas principalmente nas características formais da mancha. As características de sombreado também são interpretadas para conotar dimensão e/ou dimensionalidade, mas têm uma secundária na formação da resposta.

O determinante de sombreado difuso

Para Exner (1994, p. 333), quase todos os teóricos que pesquisaram o determinante de sombreado, após Binder, realacionam as respostas de sombreado difuso à presença de ansiedade, mas jamais chegaram a um acordo quanto ao tipo de ansiedade experimentado ou sobre o efeito produzido. Para Beck, as respostas de sombreado difuso revelam um dolorosa falta de atividade. Posteriormente, Beck e Molish ampliaram essa explicação, declarando que as respostas de sombreado difuso refletem um sentimento de paralisia.

Rapaport e cols (1946, apud Exner, 1994, p. 333) formularam a hipótese de que as respostas de sombreado difuso representam uma forma de ansiedade de uma magnitude tão grande que muitas vezes impedem o surgimento de outros comportamentos ou os dirigem.

Já para Klopfer e cols (1954 apud Exner, 1994, p. 333), tais respostas indicam a presença de uma ansiedade flutuante e livre.

Características e classificação do determinante de sombreado difuso

As respostas de sombreado difuso são todas as respostas que envolvem as diferenças de tons, mas não podem ser consideradas de vista ou de textura. Respostas como neblina, trevas e fumaça estão incluídas nessa subcategoria. Foi esse tipo de respostas que Rorschach considerou ao desenvolver o código (C), ou seja, claro-escuro.

O determinante de sombreado difuso pode ser codificado de três formas:

- Sombreado difuso puro (Y): usado para respostas baseadas exclusivamente nas características de claro-escuro da mancha e que são completamente sem forma e não envolvem referência à textura nem à perspectiva.

- Sombreado difuso-forma (YF): usado para respostas baseadas primariamente nas características de claro-escuro da mancha. As características formais são incluídas, mas têm uma importância secundária. Exemplo: *Fumaça saindo de um incêndio*.

- Forma sombreado-difuso (FY): usado para respostas baseadas principalmente nas características formais da mancha. As características de claro-escuro são incluídas como elaboração ou esclarecimento e são secundárias em relação ao uso da forma.

DISCUSSÃO

De acordo com Rorschach, em sua análise cega do caso do paciente de Oberholzer, o aparecimento de claro-escuro significa sentimentos de insuficiência que causam inibição na ação para o mundo, como por exemplo, ser cauteloso e tímido. O autor também cita sentimentos depressivos como característicos de pessoas que produzem respostas que levam em conta o sombreado.

Já Hans Binder, foi o primeiro teórico a estudar os significados do claro-escuro. Em suas formulações, o autor traça uma teoria da personalidade e dos sentimentos, os quais estão intimamente ligados com o significado do sombreado.

Para Binder, os sentimentos possuem características que são comuns à interpretação dos significados do claro-escuro que Rorschach traçou no protocolo de Oberholzer. Primeiramente, diz que os sentimentos jamais são indiferentes, ou seja, podem ser agradáveis ou não, causar prazer ou não. Outra característica é que os sentimentos são estados que o sujeito experimenta passivamente, não envolvendo nenhum tipo de atividade psicomotora e tendo seu aspecto subjetivo sempre presente. Assim, quando entramos em contato com matizes preto, cinza e branco automaticamente percebemos-os como impressão total, pois são matizes difíceis de separar, produzindo o “background” de nossa experiência, as ditas impressões totais de algo que nos é apresentado. Quando tais estímulos nos são apresentados, experimentamos-os de modo a afetar nossas reações de humor e nossos sentimentos.

Tais sentimentos são descritos por Binder como *centrais*, ou seja, estão no centro de nossa experiência e emergem dos sentimentos periféricos ligados à percepção. Quando Rorschach cita que os valores de claro-escuro estão ligados a sentimentos de insuficiência e depressão, estamos dizendo desse tipo de sentimento central, também

chamado de *total*, pois são considerados totais à nossa personalidade e percepção do mundo, levando em conta que o caráter subjetivo desse tipo de sentimento é preponderante – ou seja, é mais determinado por uma disposição interna do que pelos objetos externos.

De acordo com Mohr, na psicogênese dos aspectos negativos da cor preta, seus significados são culpa, ansiedade, revolta e julgamento. Para Binder, os cartões de cores acromáticas da prova apresentam indicativos do que chamou *choque ao escuro*, que é considerado um indicador de ansiedade.

Para Klopfer, o sombreado remete ao fato de como as pessoas organiza suas necessidades de afeto, sendo a insensibilidade, a evasão e a negação de sua condição características presentes nos efeitos do sombreado. Tais considerações mostram a necessidade básica dos indivíduos por contato e ligação com outras pessoas. Vemos certa semelhança teórica com os significados de sombreado presente nas interpretações de Rorschach e Binder, principalmente quando Klopfer diz que a dinâmica do sombreado permite inferir sobre a matriz emocional do indivíduo, pois sua semelhança com os sentimentos totais elaborados por Binder é muito grande.

Em seu sistema de classificação, Klopfer postula que, no determinante de sombreado, existem três grandes efeitos: a diferença de tons dá impressão de superfície e textura; a diferença de tons dá impressão de profundidade e dimensionalidade, tanto no sentido de difusão quanto no de perspectiva; e que a diferença de tons dá impressão de projeção tridimensional projetada num plano bidimensional.

Vemos que no Sistema Compreensivo de Exner foram incluídas várias das contribuições de Klopfer. Exner divide as respostas de sombreado em três categorias: textura, vista e sombreado difuso. Cada um dessas categorias apresenta três subcategorias, definidas pelo papel da forma e do sombreado na determinação da

resposta. O aspecto formal já havia sido considerado por Rorschach na classificação de seu Psicodiagnóstico e o encontramos nas contribuições de Binder, Klopfer e Piotrowski.

Assim, vemos que no Sistema Compreensivo há uma grande inclusão da teoria proposta por Klopfer para a classificação do determinante de sombreado, principalmente quanto à significação da textura e da profundidade. Já o aspecto difuso, vemos nos textos de todos os autores deste trabalho, inclusive no próprio Rorschach em sua classificação (C). Para Exner, também é correto afirmar que os determinantes de sombreado estão relacionados a afetos desagradáveis e perturbadores, indicando um mal estar afetivo experimentado internamente.

Em minha opinião, o autor que apresenta o sistema de classificação mais complexo presente neste trabalho é Binder. Em seu sistema, ele divide as respostas de sombreado de duas formas: a primeira enfatiza os aspectos de sombreado, os quais recebem influência da forma, sendo consideradas “tropas auxiliares de cores”, pois sempre parecem nos protocolos em conjunção com as respostas de cor, refletindo adaptação emocional do sujeito e a forma como capacidade de empatia; a segunda forma de classificação é dita respostas propriamente de claro-escuro, as quais se referem aos grandes detalhes da mancha, muitas vezes a mancha como um todo. Tais respostas não estão intimamente ligadas e muitas vezes nem aparecem a forma e são ligadas ao sentimentos totais dos sujeitos.

Para Piotrowski, respostas de sombreado são indicadores de medo e ansiedade. Mas diferentemente dos outros autores, as respostas de sombreado estão relacionadas com o comportamento manifesto e suas categorias estão reduzidas ao mínimo. Para ele, a explicação da ansiedade deve ser vista em indivíduos que não apresentam nenhum tipo de respostas de sombreado, pois as mesmas podem ser geradas

por doenças somáticas e não em relações humanas. Quanto à relação de ansiedade com o comportamento manifesto, Piotrowski diz que respostas de pequenos detalhes denotam ansiedade, mas é uma ansiedade com tendência ao alívio.

Outra característica divergente na teoria de Piotrowski é o fato de afirmar que as respostas de sombreado não tendem a se tornar respostas de cor, divergindo do próprio Rorschach.

CONCLUSÃO

O presente trabalho teve por meta agrupar diferentes estudos realizados no campo do Psicodiagnóstico de Rorschach, particularmente quanto aos determinantes de sombreados presentes na prova.

O maior dos obstáculos na realização do trabalho foi o fato de não haver material teórico dos autores citados na língua portuguesa. Digo obstáculo, pois como estou me referindo a teorias que não são estudadas no curso de graduação, a leitura em outra língua se torna uma dificuldade adicional.

O capítulo de Hans Binder foi extraído de uma obra de Ewald Bohm, que realizou uma tradução e modificação de um dos textos de Binder para o inglês, pois o mesmo só se encontra na língua alemã, dificultando mais a interpretação do texto.

Outro fato marcante foi o estudo do Sistema Compreensivo de John Exner, o qual nos mostra muitos resultados de pesquisas que comprovam a fidedignidade por quantificação de seu Sistema Compreensivo, carecendo de uma teoria própria na análise das respostas da prova de Rorschach.

Posso dizer que, realizando este trabalho, aprendi muito sobre a teoria e a significação dos determinantes do Psicodiagnóstico de Rorschach, considerando-o uma ferramenta imprescindível para a prática do diagnóstico clínico.

De acordo com Schachtel (1966 pp. 2-3):

A validação empírica da significância de sintomas de determinados resultados do Rorschach não difere, em princípio, de algumas validações que fundamentam boa parte do conhecimento popular, por exemplo, a experiência recorrente de uma relação entre dois fatores, um escore e uma característica ou tendência, um conteúdo ou símbolo onírico e seu 'significado'. A principal diferença é que agora dispomos de métodos estatísticos que nos dizem quando aceitar tal relação como válida, o que não exclui a possibilidade de que, em qualquer caso específico, ela não seja válida. Nenhum volume de validação do significado dos escores do Rorschach pode substituir a compreensão do que se passa no teste e em sua interpretação. [...] usar o teste sem um esforço efetivo em compreender o máximo possível de sua fundamentação é tão tentador quanto perigoso.

Por mais tentadora que seja uma análise informatizada do Rorschach, como a oferecida pelo RIAP desenvolvido por Exner e colaboradores, o alerta de Schachtel chama a atenção para a necessidade de conhecimento da teoria subjacente ao método para a avaliação mais precisa dos diferentes aspectos revelados pela análise de cada protocolo específico. Espero que este trabalho tenha contribuído para outros esforços de recuperação das contribuições de teóricos do passado, de modo a fundamentar mais solidamente os dados obtidos a partir desse instrumento indispensável para a realização do psicodiagnósticos, particularmente os diferenciais.

Referências Bibliográficas

BOHM, Ewald (1960). **The Binder chairoscuro system and its theoretical basis**. Em Rickers-Ovsiankina, Maria A. (ed.) Rorschach Psychology. New York: John Wiley & Sons, Inc.

COELHO, L. M. S. (1975). **Epilepsia e Personalidade**. São Paulo, SP: Editora Ática, 1980.

EXNER, J. E. (1994). **El Rorschach – Un Sistema Comprensivo, Volumen I: Fundamentos Básicos – Tercera Edición**. Madri, España: Psimática.

EXNER, J. E. (1995). **Manual de Classificação de Rorschach – Para o Sistema Comprensivo**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 1999.

KLOPFER, B. (1954). **Developments in the Rorschach Technique – Volume I – Technique and Theory**. New York, NY: Harcourt, Brace & World, Inc.

PIOTROWSKI, Z. A. (1957). **Perceptanalysis**. Philadelphia, PA: Ex Libris, 1965.

RORSCHACH, H. (1921). **Psicodiagnóstico**. São Paulo, SP: Editora Mestre Jou, 1979.

ROSENTHAL, M. C. P. (2007). **"Assim e se lhe parece" transtorno obsessivo compulsivo : estudos de variáveis cognitivo-afetivas de personalidade por meio do método rorschach**. São Paulo: PUC-SP. Tese de doutorado. Tese apresentada à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia Clínica.

SCHACHTEL, E. G. (1966). **Experiential foundations of Rorschach's test**. Hillside, NJ: The Analytic Press, 2001.

SILVA, M. C. V. M. (2010). **A compreensão da medida e a medida da compreensão: origens e transformações dos testes psicológicos**. São Paulo: PUC-SP. Tese de doutorado. Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

SILVA, Rafael Ribeiro da. **Das telas para as pranchas: a ligação entre Leonardo da Vinci, Justinus Kerner e Hermann Rorschach**, 66 fls. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: Profª Célia Maria de Souza Terra. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2009.

SOUZA, C. C. (1971). **O Método de Rorschach**. São Paulo, SP: Vetor, 1971.